

# ISKRITIKA



**Lugares inconstantes.  
Tempos permanentes.**



A escrita é uma das poucas formas que temos para nos expressarmos, e também a que requer mais inspiração. É algo puro que é bem pensado antes de ser depositado no papel. É harmonia de palavras capazes de relatar vidas inteiras, sempre mantendo o seu charme e expressividade. Não são proferidas oralmente, portanto, não correm o risco de serem ditas da boca para fora.

O ato de escrever merece ser preservado de modo a ser algo eterno e que não seja ultrapassado pelo teclado de um computador. Por exemplo, quando se está longe de alguém que nos é querido, uma carta é um meio de comunicação útil e adequado a esse tipo de situações.

Escrever apela à sensibilidade e à noção que se deve ter quando se pretende escrever sobre determinado assunto, nomeadamente, em relação ao amor ou à amizade, que são vistos como os dois grandes temas. Um poema é algo escrito, algo quase inimaginável que seja de outra forma.

Em suma, a escrita está em todo o lado, até numa simples assinatura, que é um dos elementos que nos identifica.

A escrita é uma arte a ser preservada com todo o respeito e carinho.

**Hugo Marques, 9.º A**



## Esparta

Depois de regressar à sua pátria, Ulisses recebe uma carta do Rei Hélio.

Persa estava em guerra com Esparta, mas Ulisses não sabia ao certo qual a razão dessa guerra. Muitos dos soldados de Hélio já tinham morrido, e então o Rei foi à procura de quem os substituísse.

Ulisses, sem pensar duas vezes, pediu logo a Telémaco que fosse com ele, Telémaco tornara-se um homem destemido, como o pai.

Navegaram por mares e oceanos, com chuva e vento, por entre rochas e fortes tempestades... Muitas vezes, parecia que as tempestades não tinham fim. Claro que estes heróis não foram sozinhos, marinheiros grandes e fortes os acompanharam.

Entretanto, Ulisses e seu filho desembarcaram. Hélio já estava pronto para os receber. Hélio arranjou quartos para eles no seu enorme castelo e, vendo a bravura de Ulisses e a coragem de Telémaco, soube que iriam ser grandes soldados. Ah! Já me ia esquecendo deste pormenor... Fiquem sabendo que, antes da guerra, Esparta era lindíssima, o sol brilhava como uma estrela cadente, as águas eram tão limpas que refletiam no céu. Mas, depois da guerra, Esparta ficou horrível, não tinha brilho, as nuvens tapavam o sol, as águas cheiravam mal, enfim...

Numa manhã de nuvens, ouviu-se um ruído, era sinal de guerra. Ulisses acordou disposto a conseguir defender Esparta. Instantes depois acordou Telémaco, um pouco assustado. Antes de começar a batalha, Atena tocou no ombro de Ulisses e sussurrou:

-Vem comigo, tenho uma pessoa que te quer ajudar.

Ulisses, Telémaco e Atena entraram numa gruta escura. Nessa gruta estavam sentados dois deuses em tronos diferentes, ornamentados de um ouro maravilhoso. Eram Hefesto, deus do fogo e Hades, deus do submundo. Tanto um como o outro eram Deuses incríveis, cada um com a sua história e o seu poder. Hades olhou Ulisses e disse:

- Entrego-te esta espada Ulisses, pertença do meu irmão, Zeus... Esta espada tem um grande poder, cuidado!

- Prometo que a irei utilizar com cuidado... – continuou Ulisses.

Então, Hefesto olhou Telémaco:

- Eu apenas trago um arco com flechas, mas não é um arco qualquer! Estas flechas têm o poder de se transformarem em fogo.

- Fico muito agradecido. – respondeu Telémaco.

Ambos agradeceram aos dois Deuses e seguiram caminho.

Quando chegaram ao castelo, notaram que Atena já não estava por lá... Por detrás de uma árvore, Telémaco avistou Atena. Ela fez sinal de silêncio, e na cabeça de Telémaco ouviu-se uma voz.

-Adeus... Boa sorte!

E lá foram dois soldados sem medo, em busca de paz, envolvidos numa enorme guerra...



## **O Reencontro**

Há aproximadamente vinte anos, numa casa aparentemente abandonada, vivia o Albertino Dias. Era um homem preguiçoso, simpático e bondoso. Mas a casa do Albertino Dias, ainda que parecesse uma casa abandonada, tinha um telhado vermelho e as paredes eram azuis e confundiam-se com o mar da praia que se via à sua frente.

Noutra casa bastante mais afastada vivia a Gabriela que era simpática, inteligente, mas um pouco egoísta. Coabitava a sua avó que era viúva, a Manuela, uma pessoa engraçada, muito alegre, mas invejosa.

Uma vez encontraram a casa do Albertino Dias, enquanto a observavam. Albertino Dias abriu a porta.

-Quem são vocês?- interrogou prontamente.

-Nós só estamos... - disse a Gabriela com voz trémula - a observar esta casa.

-Claro, claro! - acrescentou a avó Manuela.

Depois, o Albertino Dias deixou-as entrar. Começaram a falar da vida deles e o Albertino Dias disse que tinha perdido o cão dele, o Snoopy. Então a Gabriela sugeriu que fossem à procura do cão.

No dia seguinte, encontraram um cão com a coleira a dizer Snoopy. Como recompensa, o Albertino Dias pagou-lhes um jantar num restaurante à escolha, sendo que o Snoopy teve direito a lugar cativo.

**Alexandre Maior, 5.º F**





## **Inverno é ...**

**Inverno é...**

**A brancura da neve,  
o cair dos flocos,  
gelados,  
reluzentes,  
frios,...  
A alegria  
de brincar na neve.**

**Inverno é...**

**Natal,  
amor,  
conversar,  
contar histórias,  
cantar  
com a família,  
no calor da lareira.**

**Inverno é ...**

**Amizade,  
brincar com os amigos,  
chapinhar na lama,  
apanhar a chuva,  
correr ao vento,...**

**Inverno é...**

**A paisagem  
bela,  
fria,  
nostálgica,  
das árvores nuas.**



**Texto coletivo 3.º B**



## O pretérito perfeito conta uma história



Antes do teste

Eu estudei  
Tu brincaste  
Ela ralhou  
Nós abrimos os livros  
Vós percebestes a matéria  
Eles tiveram boa nota

Gonçalo Silva, 5.º A

João Ramalho, 5.º A

## O pretérito imperfeito descreve uma situação

Um Desenho



Eles desenhavam  
Ela coloria o desenho  
Eu alegrava o momento  
Tu mostravas empenho  
Vós tínheis ideias  
Mas nós queríamos mais teias.

Joana Coutinho, 5.º A

Mariana Catarina Marques, 5.º A



## O Pretérito perfeito conta uma história



### A Guerra

Eu fui para a guerra.  
Vocês foram comigo.  
Ele levou um tiro.  
Nós ajudámo-lo.  
Protegêmo-lo e salvámo-lo.  
Tu disparaste.  
E eles provocaram um grande desastre.

**Joana Ramos e Gil Arroteia**

## Pretérito Imperfeito descreve uma situação



### Assalto

Eu estava a ser assaltado.  
Tu estavas comigo.  
Ele chamava a polícia.  
Nós ficávamos aflitos.  
Vós ficáveis assustados.  
E os polícias chegavam.  
Tudo ficou resolvido e os ladrões foram presos.

**Diogo Cerveira e Mariana Louro, 5.º B**



## O pretérito perfeito conta uma história

### A Antártida

Eu viajei para o gelado  
E lá te encontrei  
Corri tão rápido  
Que até me cansei.  
Depois disso te reencontrei  
E por fim te abracei.

Bruna Marques e Pedro Ribeiro, 5.º C

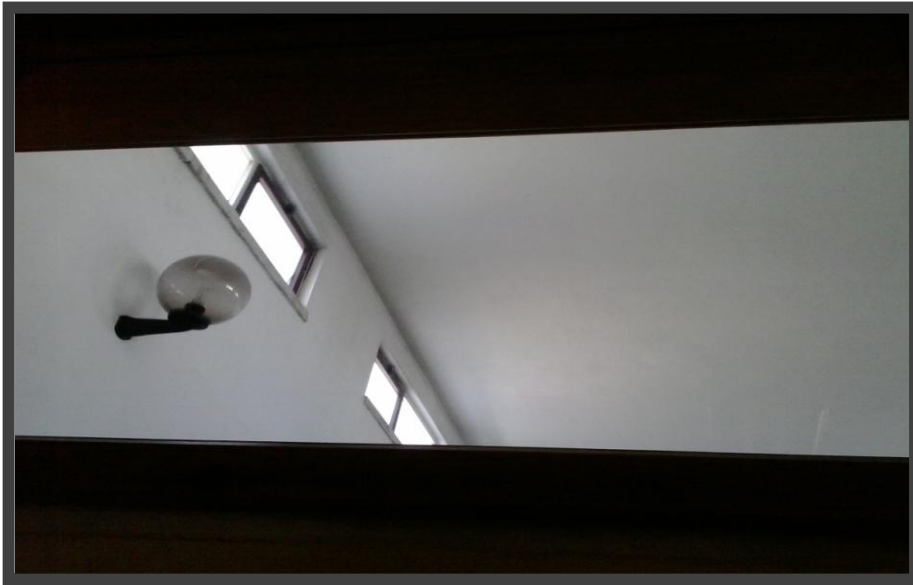
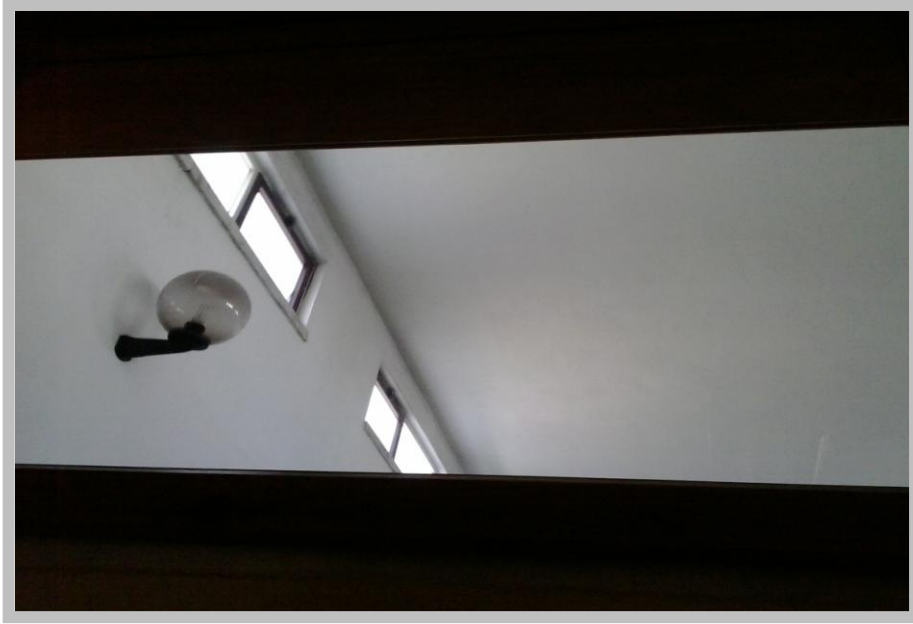
## O pretérito imperfeito descreve uma situação



O céu

Eu olhava para as nuvens  
E também para as estrelas  
Via um avião a voar pelo céu  
Imaginava que as nuvens eram de algodão  
Já estava cansado e adormecia no relvado  
Quando acordei já era de dia  
Então observava o sol brilhante  
Só agora me lembrava  
Que atrasado para a escola estava  
Vesti-me à pressa  
E fui embora

Catarina Rato e Ivan Rodrigues, 5.º C





## **A liberdade**

Em muitos países não há liberdade e as pessoas não têm o poder de escolher como e quando podem alterar as suas vidas. Felizmente, aqui em Portugal, temos esse poder. Somos livres!

As pessoas são livres mas a liberdade tem regras: não podemos fazer certas coisas (ofensivas, destrutivas, corrosivas, excessivas...) apenas por pensar que temos a liberdade.

Há pessoas que perdem a liberdade (estão em prisões, vivem em prisões) ... não respeitaram as regras da liberdade!

No 25 de abril comemora-se a liberdade dos portugueses. Como seria se não tivéssemos conquistado a liberdade no Abril de 1974? Se não tivéssemos o poder de escolher? Se não pudéssemos exprimir o que sentimos?...

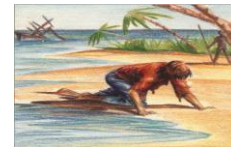
Eu não sei, não consigo imaginar... mas de certeza que seria totalmente diferente do que é o meu presente, o meu “agora”...

Por isso digo, por isso escrevo: Viva a liberdade!

**Maria Inês Diogo, N.º11, 6.ªA**



## Robinson Crusóe



Robinson Crusóe tinha partido com o seu amigo Ricky, triste por ter deixado a sua família sem se despedir.

Passadas algumas horas, Robinson deitou-se numa rede ligada a dois mastros do barco, a pensar numa maneira de falar com a família. Então, decidiu escrever uma carta. Quando acabou, dobrou-a e guardou-a no bolso do seu casaco.

Em seguida, foi ter com o seu amigo Ricky, que lhe disse:

-Já é tarde Robinson, se tu já acabaste o que tinhas para fazer, é melhor ires dormir!

Robinson respondeu que sim.

No dia seguinte, enquanto Robinson e Ricky ainda estavam a dormir, acordaram assustados com um estranho estrondo! Foram ver o que era e viram que tinham embatido num rochedo junto a uma ilha desconhecida!!!

Saíram do barco preocupados e disseram:

-Estamos perdidos!

Olharam para trás e viram que o barco tinha sido levado pela maré.

Robinson disse:

-Ricky, e agora que fazemos?

Ricky respondeu:

-Calma, Robinson! Tu vais buscar comida e eu procuro um abrigo.

Robinson foi e viu uma garrafa e lembrou-se da carta que escrevera. Então, enfiou-a dentro da garrafa e com uma força tremenda mandou-a ao mar, na esperança de alguém a encontrar.

Encontrou bananas, mangas e outros frutos tropicais. Foi ter com Ricky e, no caminho, olhou para cima e viu árvores muito grandes e teve uma ideia. Correu até chegar ao pé do amigo e disse:

-Tenho uma ideia! Pega em paus e folhas e vamos fazer uma jangada! Assim foi.

Quando acabaram, cobriram a jangada com folhas de palmeira e, a seguir, fizeram dois remos e já estavam prontos para navegar.

Partiram daquela ilha e Robinson continuava a pensar se alguém já encontrara a sua carta dentro da garrafa.

Sob a jangada, remaram, remaram até que, quase sem acreditarem no que viam, exclamaram:

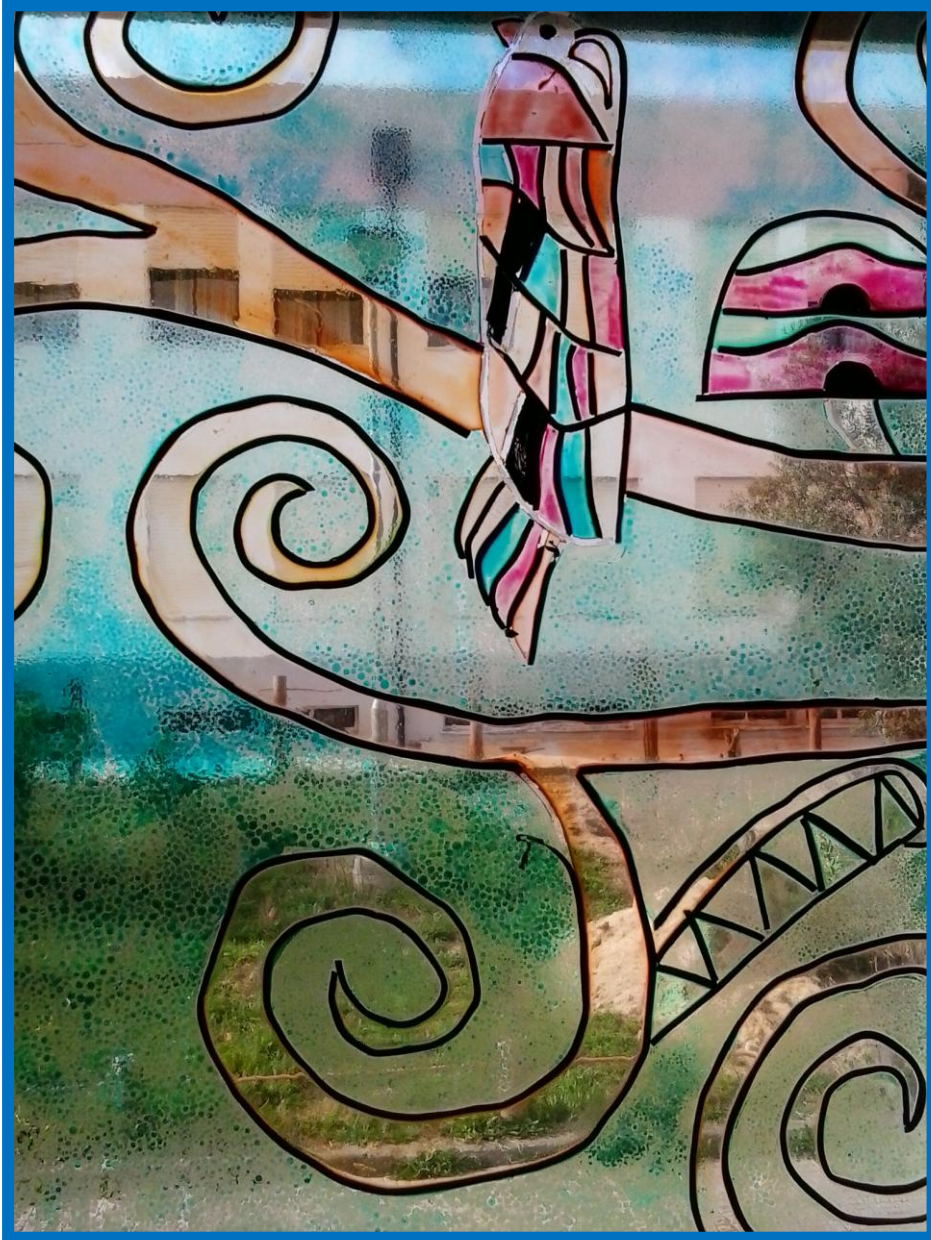
-É o nosso barco! Grande sorte!

Então, remaram o mais rápido que puderam e subiram para o seu barco. No sítio em que Robinson dormira, estava a garrafa e, lá dentro, a carta com uma reposta que dizia:

"Robinson, estamos muito felizes por estares a viver o teu sonho! Nós compreendemos. Sê muito feliz!

Assinado: mãe, pai e família".

Daí em diante, Robinson descansou e começou a viver o seu sonho: Ser marinheiro!!!!



## **liberdade, por cá**

Sou livre de pensar,  
Sou livre de cantar,  
Posso ser o que quiser,  
Sendo homem ou mulher.

Construir uma casa,  
Construir um casarão,  
Posso ter um gato  
Ou até mesmo um cão.

Posso ir até à Lua,  
Posso explorar o mar,  
Posso morder um tubarão  
Ou fingir que sei voar.

Posso usar a imaginação,  
E com ela tudo fazer,  
Posso usar a Liberdade  
E, através dela, tudo escrever.

Sou livre!  
Mas com cuidado  
Para não magoar ninguém...  
Posso fazer o que quiser  
Desde que o autorize a minha mãe!

**Micaela Silva, N.º16, 6.ºC**



## Mãe... mas eu adoro escrever!

Há dez anos deparei-me com uma situação esquisita que me fez perceber que a vida dá muitas voltas, mas, por mais voltas que dê, encontras sempre o caminho correto a ser percorrido e assim a tua vida irá seguir...

Vou contar-vos a minha história antes de escolher definitivamente a literatura.

Eu tinha catorze anos e devia estar no nono ano e com aquelas ideias malucas que os adolescentes têm...mas, em vez disso, eu era certinho e também um grande viajante...em vez de andar no nono ano e, como era muito inteligente, estava a acabar o décimo segundo ano.

O meu pai era diretor geral de uma empresa que fabricava carros topo de gama. Ele andava sempre comigo atrás. Por exemplo, já vivi com ele em Helsínquia, no Sri Lanka, em Genebra e muitos mais.

Esqueci-me de referir: a minha mãe também vivia connosco e era ela a pessoa que contrariava mais a minha escolha: a literatura.

A minha mãe estava sempre a insistir de que queria que eu seguisse economia, pois era algo em que se ganhava muito dinheiro. Mas eu...eu não queria!

A minha mãe sempre que me ouvia a defender a minha ideia de estudar literatura era como se eu fosse uma decepção para ela... E começava com o seu discurso sobre dinheiro e sucesso...

Até que um dia... eu disse-lhe o que me ia na alma: que ela não deixava que me libertasse.

Ela ficou desolada e eu depois fui ter com ela, mas, nesse momento, o meu rumo para a cidade da economia mudou para sempre para o país da literatura... e fiz um discurso de vinte minutos à minha mãe, falando-lhe do *bullying* de que nunca lhe tinha falado e que sofria na escola, da falta de amigos que tinha por andar sempre a viajar, das inúmeras vezes que inventara febres, constipações ou outras coisas só para não ir para a escola.

Também lhe contei que, todas as vezes que sofrera na escola, pegava num papel e numa caneta e começava a inventar histórias sobre meninos como eu. Fazia-me bem libertar-me de todas aquelas correntes que me prendiam e desabafar com o papel.

A minha mãe percebeu que a literatura era o meu sonho, era o rumo que a minha vida tomara sozinha. Desde essa conversa, a minha vida mudou... Hoje vivo em Londres com a minha mulher e os meus filhos. Inspiro-me a escrever em jardins de Londres e sou considerado “um fenómeno mundial da escrita”!

**Ana Catarina Lourenço, N.º1, 6ºD**





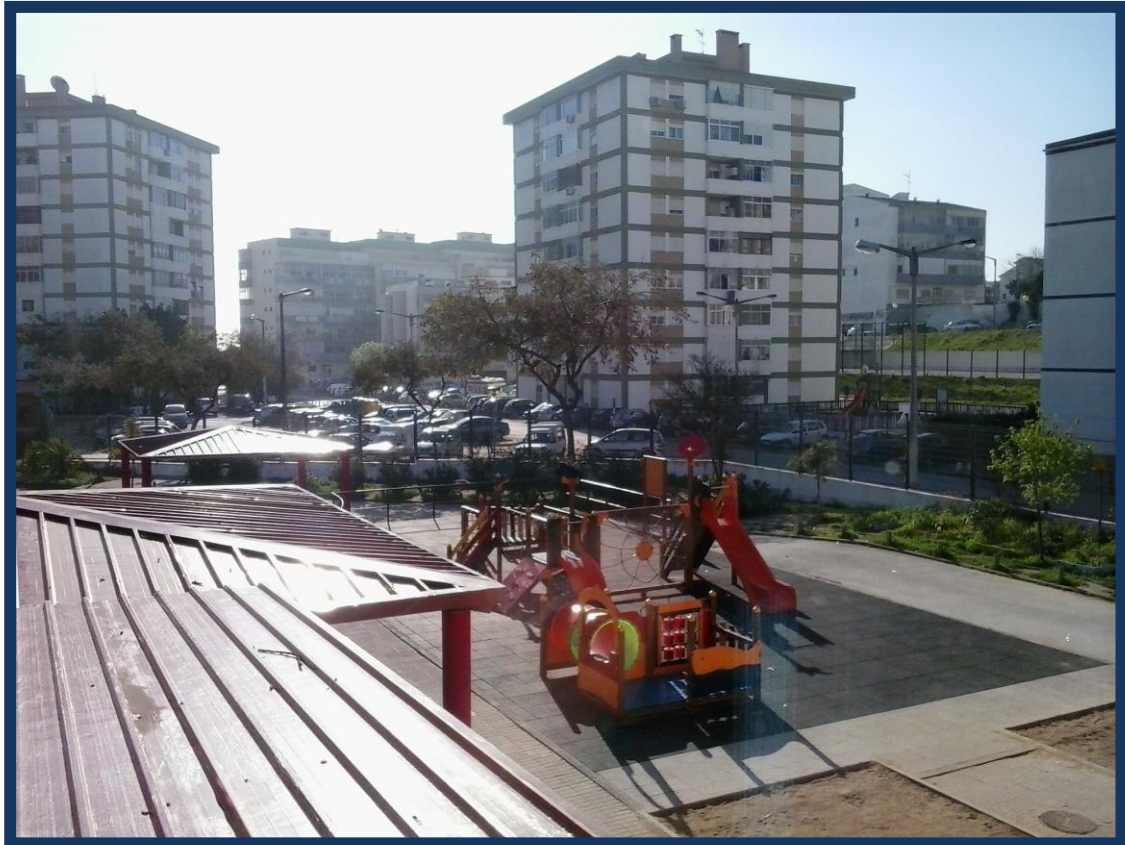
## **A Escola**

A escola é bastante importante para a nossa sociedade, tendo como objetivos ensinar e formar os seus alunos para o futuro. Esta, também, educa os alunos o melhor possível, para atingirem a formação e as aprendizagens necessárias a um bom desempenho na vida profissional. A escola ensina vários tipos de matéria, valores importantes sem os quais não se conseguiria viver em sociedade.

A escola, como ensina várias matérias e assuntos, suscita interesses diversificados nos alunos, uns mais que outros. Estes interesses devem ser elevados, pois quanto mais os alunos se interessarem pela escola melhores são e serão os seus resultados.

Como a escola ensina e “treina” os alunos, estes conseguem ter grandes expectativas para o futuro. Os alunos, aplicando-se bastante, são capazes de chegar bastante longe na sua vida, mas, não se esforçando, estes podem ter desgostos.

A escola, para além destes assuntos, ensina os alunos a serem mais independentes, a terem controlo sobre a sua vida. Todos aprendem com os seus erros e a escola ajuda-os a conseguir ultrapassar os obstáculos que a vida apresenta.



## A AMIZADE É ....

A amizade é um sentimento bom, faz rir muito. É divertida e é a melhor que tu tens na vida. Eu tenho amizade com as minhas amigas: Joana, Catarina e a Margarida. Eu brinco com elas no recreio. **Sara Nunes**

A amizade para mim é ter um amigo que me ajuda quando eu tenho um problema. A minha mãe tem uma grande amizade com uma vizinha. Ela ajudou-nos quando a minha mãe foi operada, ela é que me levava à escola na ausência da minha mãe.

A amizade é ser amigo do amigo, ser um bom aluno e, acima de tudo, ser bom cidadão. **Rúben Garcia**

Para mim a amizade é quando gostamos de ser amigos de alguém, quando gostamos das mesmas coisas, das mesmas brincadeiras. Se os meus amigos estiverem tristes, eu ajudo-os e tenho de fazê-los felizes. Gosto de ter amigos, para poder contar os meus segredos. **Bruna Sá**

A amizade é o que sentimos pelas pessoas que nós gostamos, é amor, alegria e carinho. É muito importante nós termos amigos, e tê-los perto para brincarmos todos juntos e não nos sentirmos sozinhos. Respeitar e ajudar os outros é importante, para ganharmos mais amigos e sermos felizes. **Carolina Liberato.**

A amizade é ser bondoso, ter amor e ser amigo. Eu tenho muitos amigos com quem partilho as minhas brincadeiras. Os amigos ajudam-nos quando precisamos de ajuda.

Amizade é amor, carinho, gratidão e respeito. **André Bentinho**  
Amizade é relacionarmo-nos bem com todos. Ser amigo é aquele que nos ouve e compreende, que nos acolhe no seu grupo e partilha as suas alegrias e tristezas. É como uma flor que necessita de água para sobreviver. **Nicole Varela**



**Turma 2.º Ano**



## **A Escola**

A escola é muito importante para o futuro das pessoas, pois sem ela, neste momento, não sabíamos ler, escrever, desenhar (como deve ser), nem mesmo andar nas redes sociais sem pôr em risco a nossa identidade, entre outras coisas.

Confesso que não sou grande fã da escola, mas sei a sua importância para o meu futuro. A escola, também, tem aspetos interessantes como as visitas de estudo e os dias de festa. Além disso, é na escola que conhecemos todos os nossos amigos, e desses amigos há alguns que duram para a vida toda.

As minhas expectativas para o futuro não são certas, mas há uma coisa que eu sempre gostei: imagino-me como veterinária, mas também gostava de ser modelo como as minhas primas.

Para ser veterinária preciso muito da escola, é necessário estudar muito por isso faço o meu melhor para garantir que vou ter um grande futuro, seja em que profissão for.

**Mariana Bernardo, N.º 17, 7.º G**



## **A música**

A música de Vivaldi "*As Quatro Estações*", faz-me lembrar o baile de finalistas que aconteceu há três anos atrás.

Nesse dia, estava nervosa e ao mesmo tempo ansiosa. Lembro-me de andar à procura de um vestido com a minha mãe e, no dia do baile, ter de ir toda arranjadinha, com penteados e acessórios.

O baile aconteceu na escola Miquelina Pombo. Quando lá cheguei, fui ter com os meus amigos, estávamos à espera de irmos dançar com o nosso par. Aprendemos a dança nas aulas de Educação Física.

Dançámos ao som de uma música clássica.

Inicialmente, o meu par teve alguma dificuldade em acertar o passo, mas no final tudo correu pelo melhor.

Foi um dia divertido e muito especial para mim. Um momento da minha vida que nunca esquecerei.

**Andreia Leitão, N.º 3, 7.ºG**





## **As Quatro Estações do Ano**

Esta música faz lembrar-me os bailes de antigamente: as danças e o convívio.

Recorda-me, também, as 4 estações do ano, cujo primeiro ritmo é mais alegre e parece a Primavera, onde tudo ganha vida. Há alegria e harmonia entre os diversos sons.

O segundo ritmo é mais mexido, por isso, lembra-me o Verão, tempo de calor e alegria.

O terceiro ritmo é sossegado e um pouco triste. Parece que os sentimentos conflituosos acalmam e lembra-me o Outono. Tudo começa a recompor-se.

O inverno é semelhante ao quarto ritmo, pois é mais dramático, ocorre com mais intensidade como a chuva, o vento ou a trovoadas. É um pouco triste e os sons vão aumentando e diminuindo.

No final juntam-se em harmonia e tudo volta à normalidade, criam um som fantástico.

**Madalena Aguiar, N.º 17, 7.ºE**



## **O baile das Flores**

Eram nove horas da noite quando chegámos ao grande baile das Flores eu, o Rapaz de Bronze, Florinda e o rouxinol.

O jardim estava lindo, decorado com flores de todas as cores, as borboletas eram tão vistosas que embelezavam a festa, e ao centro havia um lago iluminado pelos pirilampos. Os bancos eram os troncos para quem quisesse descansar. Todos os animais do jardim estavam presentes no baile, e cada um ajudava como podia. As flores mostravam a sua beleza, as árvores guardavam as colmeias e as abelhas produziam o mel para a festa.

Entretanto eu e a Florinda demos início ao baile, dançando ao som de uma bela melodia, cantada pelo nosso amigo rouxinol. As cigarras também não quiseram faltar e animaram o baile com os seus sons encantadores, acompanhadas pelos grilos.

O baile estava muito animado e todos cantavam e dançavam sem parar, mas a noite estava quase a terminar e o sol a nascer. Aos poucos os animais foram regressando às suas tocas, o jardim voltou ao normal, como se nada tivesse acontecido, e eu voltei a ser uma estátua.

**4ºA**

**Catarina Sousa**

**Fábio Antunes**



## **História de Harun**

Quando eu era pequeno desejava ter um caderno para escrever histórias de fadas, princesas, dragões, cavaleiros, elfos, anões e grifos, mas a minha vida não o permitia; não permitia que voasse nas palavras; não permitia que eu construísse castelos, nem que derrotasse dragões .

O meu pai não queria que eu escrevesse; queria que eu o dissesse, mas eu preferia escrever, pois, quando dizemos as histórias, as palavras vão soltas para o ar sem nunca mais as conseguirmos decorar, mas, quando as escrevemos, estas colam-se no papel e podemos dizê-las vezes sem conta.

Embora eu tentasse dizer isso ao meu pai, ele fazia ouvidos moucos e dizia-me que a corrente das histórias era para ser renovada, as histórias tinham de ser renovadas, mas, para mim, era melhor mantê-las na mesma, pois, se se mudassem todas as histórias, elas perdiam o seu encanto ...

**Eduarda, 7.º A**





São os meninos e as meninas.

A mala do Simão é bonita.

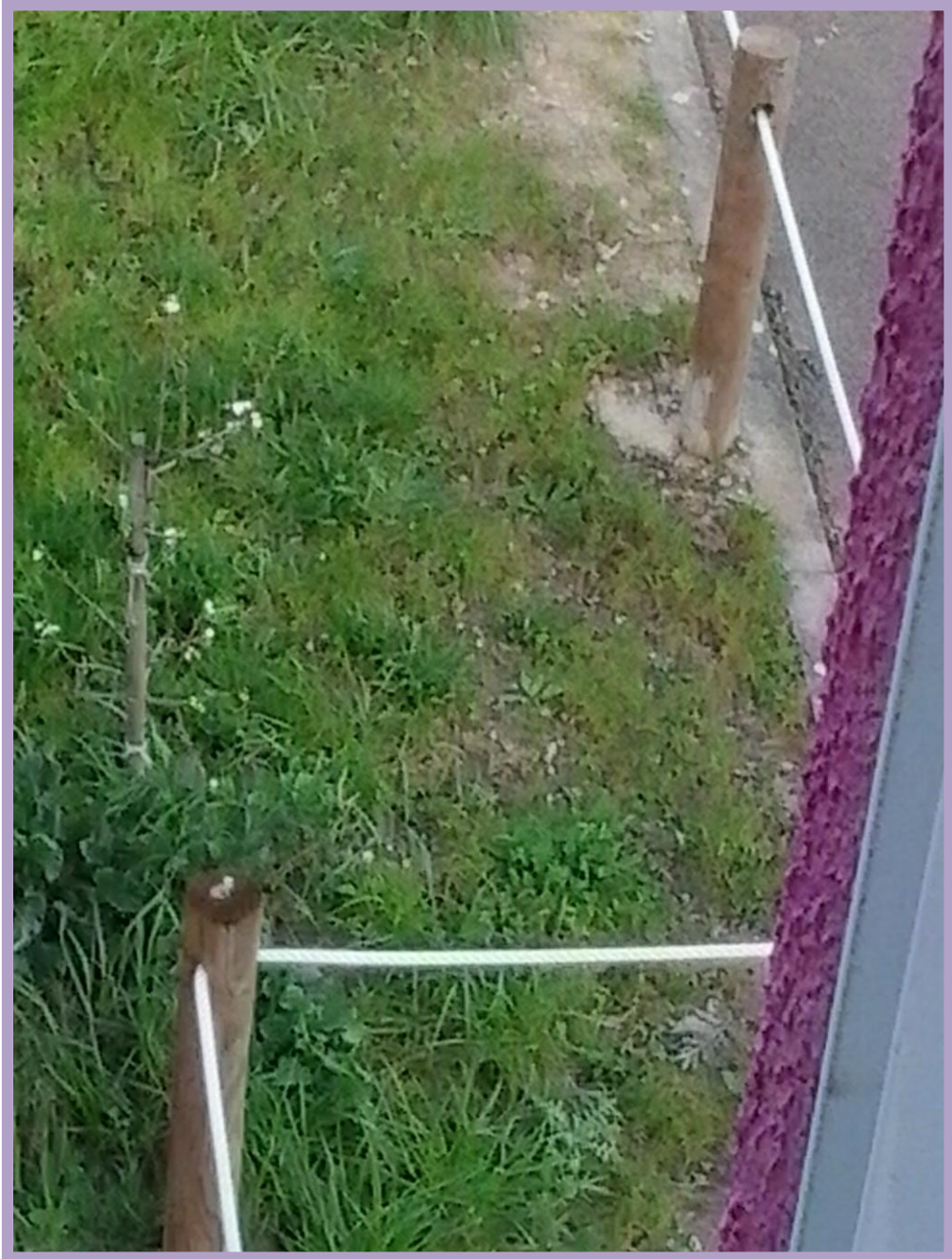
É a bola da Violeta.

O Paulo lê o mapa.

É uma roda de meninos.

A Ana e o Nuno são amigos.

**Joana Rato e Nichita Stratulat – 1.ºC**





O senhor Nicolau era um contador de histórias da aldeia de Torno-Rego, um local muito bonito onde existiam montanhas cobertas por relva bem verde, pássaros a cantarolar e animais a correr livremente de um lado para o outro.

Era um homem forte, tinha barba, era baixo e tinha uns grandes olhos verdes que sobressaíam no seu rosto. Era muito simpático e alegre.

Este contador de histórias era muito falado por ter um dom! Transportava, através de um portal de histórias, todos os seus ouvintes para a dimensão do livro, onde conduzia o seu comboio a vapor pelos caminhos-de-ferro do livro.

Um dia foi feita, por uma jornalista, uma reportagem. A jornalista foi numa destas viagens literárias do senhor Nicolau.

A jornalista contava que quando se entrava no portal de histórias se sentia formigueiros na barriga até cair no comboio. Quando começava a história, estavam todos à volta do livro e até foi publicada uma fotografia no jornal onde a jornalista tocava na lebre da história da “*Lebre e a Tartaruga*”. Foi uma das reportagens mais faladas de sempre. E a jornalista, quando saiu da história, contou para a televisão que tinha sido a melhor experiência da sua vasta vida de jornalista.

Isto foi o que me contou a minha avó sobre o meu avô.

**Mariana Sofia**



## **O Mágico Contador De Histórias**

Numa certa aldeia havia um mágico de histórias. Esse mágico adorava todos na aldeia, principalmente as crianças. Ele era um homem mascarado e que não tinha nenhuma identidade; ele era grande e meigo.

Certo dia, o mágico de histórias foi para o seu palco muito pequeno, onde começou a ler um livro misterioso. Passado um bocado de tempo, ele entrou dentro de um livro e foi para o País do Paraíso. Lá encontrou diversas histórias, diversos animais e muitas mais maravilhas.

Depois de um bocado de tempo ele encontrou o rei do País do Paraíso, que era um livro muito grande e mágico em que perdeu as suas emoções. Esse rei pediu ajuda ao mágico das histórias para ter de volta as suas emoções. O mágico fez esse desejo e contou uma história milagrosa sobre os livros que ganham vida.

O rei adorou a história e conseguiu recuperar as suas emoções e ainda mais histórias perdidas do mundo mágico e o mágico pediu ao rei para o levar para casa, ao seu mundo, para contar a sua aventura nesse país.

**Mário Oprea, 7.º B**



## **O SIGNIFICADO DO NATAL**

Há muito, muito tempo, na altura do Natal, havia no cimo de uma altíssima e belíssima montanha coberta de neve, uma casinha de madeira pequena, bonita e amorosa, decorada com luzes e enfeites de Natal. Lá vivia uma menina chamada Lili. Ela tinha cabelo castanho, muito belo, apanhado com dois lacinhos vermelhos e tinha uma franja que encantava todas as pessoas que olhavam para ela. Os olhos dela eram verdes como azeitonas, a sua boca fina, pequenina e vermelha como uma bela e doce maçã. Ela tinha um vestido vermelho.

A Lili vivia com a sua avó e o seu avô. A sua avó era uma velhinha simpática e amorosa, usava um poncho castanho como caramelo, tinha o cabelo branco e estava apanhado com a forma de uma pequenina bola.

O seu avô era um velhinho que se preocupava com as pessoas. Ele usava um chapéu que tinha uma espinha de peixe e também usava um casaco vermelho com bonecos de neve engraçados. Tinha barba branca e suave.

No dia 25 de dezembro, a Lili acordou cedo para ir abrir os presentes, quando os abriu, exclamou:

- Uma boneca! Era o que eu queria! Obrigado avós.

- De nada minha netinha. - disse a avó.

- Avós, também tenho uma prenda para vocês os dois. Abram!

- Oh! Uma foto de nós todos a fazer esqui! - disse o avô com admiração - Obrigado

Lili.

-Agora sei que o Natal não é só receber prendas, mas sim estar com a família! - exclamou, alegremente, a Lili.

**Mara Isidoro, 5.º F, N.º20**



## Canal Panda

Era uma vez uma menina chamada Sofia que adorava ver o canal Panda. Um dia, a caminho da escola, Sofia encontrou uma porta. Curiosa, entrou!

Quando abriu a porta, entrou num mundo maravilhoso, cheio de luz e cores: o mundo dos brinquedos! Passado algum tempo, ouviu: “... e já a seguir, no canal panda, Noddy e o país dos brinquedos! “. Ficou espantada, mas, logo a seguir, foi transportada para o episódio, em direto! Achou incrível, mas começou a divertir-se e acabou por fazer parte do episódio.

No final do dia, começou a ficar preocupada, pois já tinham passado seis horas, e os pais poderiam ficar preocupados, por isso, logo de seguida, começou a despedir-se de todas as personagens daquele mundo.

Tal como tinha em mente, a despedida demorou algum tempo, mas após tê-la terminado, foi-se logo embora. Mas quando chegou à porta, esta tinha desaparecido!

- Oh não, onde está a porta?- perguntou ela. Ninguém lhe respondeu e começou a entrar em pânico. Após uns minutos, acabou o episódio, e quando o intervalo retomou, a porta reapareceu.

Sofia aproveitou a oportunidade e saiu. Depois de sair, só viu escuro à sua volta e logo de seguida, acordou! Tinha sonhado com aquilo tudo, nada tinha acontecido, mas estava estranhamente feliz, pois tinha-se divertido bastante.

Beatriz Alves, N.º 7

Leonor Martins, N.º 19

Mª Inês, N.º 22

Sofia Antunes, N.º 27

8ºE





## **○ labirinto do Minotauro**

Passados dois anos depois de Ulisses voltar a Ítaca, o seu pai morre.

-Como é que isto pôde acontecer? – questionava-se Ulisses - Eu nem sequer me pude despedir!

-Que se passa pai?- perguntou-lhe Telémaco.

-Olha filho, o teu avô morreu.- respondeu-lhe, tristemente, Ulisses

Telémaco não sabia como aquilo acontecera, pois ele mal conhecia o avô.

O avô de Telémaco era um homem forte, robusto e corajoso; era tal e qual o filho.

Então Ulisses lembrou-se que podia falar com os seus antepassados na Ilha dos Infernos. Entretanto Ulisses falou com Penélope e Telémaco e decidiram ir à Ilha dos Infernos. No entanto, para conseguirem tal feito, teriam de se deslocar à Ilha de Circe com o intuito de encontrarem carne de ovelha negra, pois só assim falariam com os seus entes queridos, perdidos outrora.

Durante a viagem para a ilha de Circe, rebentou uma gigantesca tempestade que os fez naufragar. Ulisses, Telémaco e Penélope foram os únicos sobreviventes do naufrágio.

Ulisses e Telémaco estavam inconscientes e, quando acordaram, viram-se numa imensa praia com areia cristalina.

De repente Telémaco diz para si:

- O que é isto?- pegando num pedaço de papel. - Deixa cá ver... - continuou Ulisses.

- Isso é uma carta da tua mãe a pedir socorro! – exclamou, apavorado.

Passado algum tempo, Ulisses avistou um labirinto e, de repente, apareceu Atena.

-Ulisses, Penélope foi raptada e está no centro daquele labirinto!

-Quem é que a raptou? - perguntou Telémaco.

-Foi o Minotauro. - respondeu Atena.

Quando Atena desapareceu, foram a correr para o labirinto.

Depois de várias horas a caminhar encontraram o fim do labirinto e viram uma grande criatura com cabeça de touro e corpo de humano, era o Minotauro, e atrás dele estava Penélope, presa contra a sua vontade.

Depois de uma luta que durou a tarde toda, conseguiram libertar Penélope.

Passados alguns dias descobriram Ulisses, Telémaco e Penélope naquela ilha remota e levaram-nos de volta para a bela e maravilhosa Ítaca.

**Vasco Dias Louro, N.º 26, 6.ºE**



## **Se eu fosse um fantasma...**

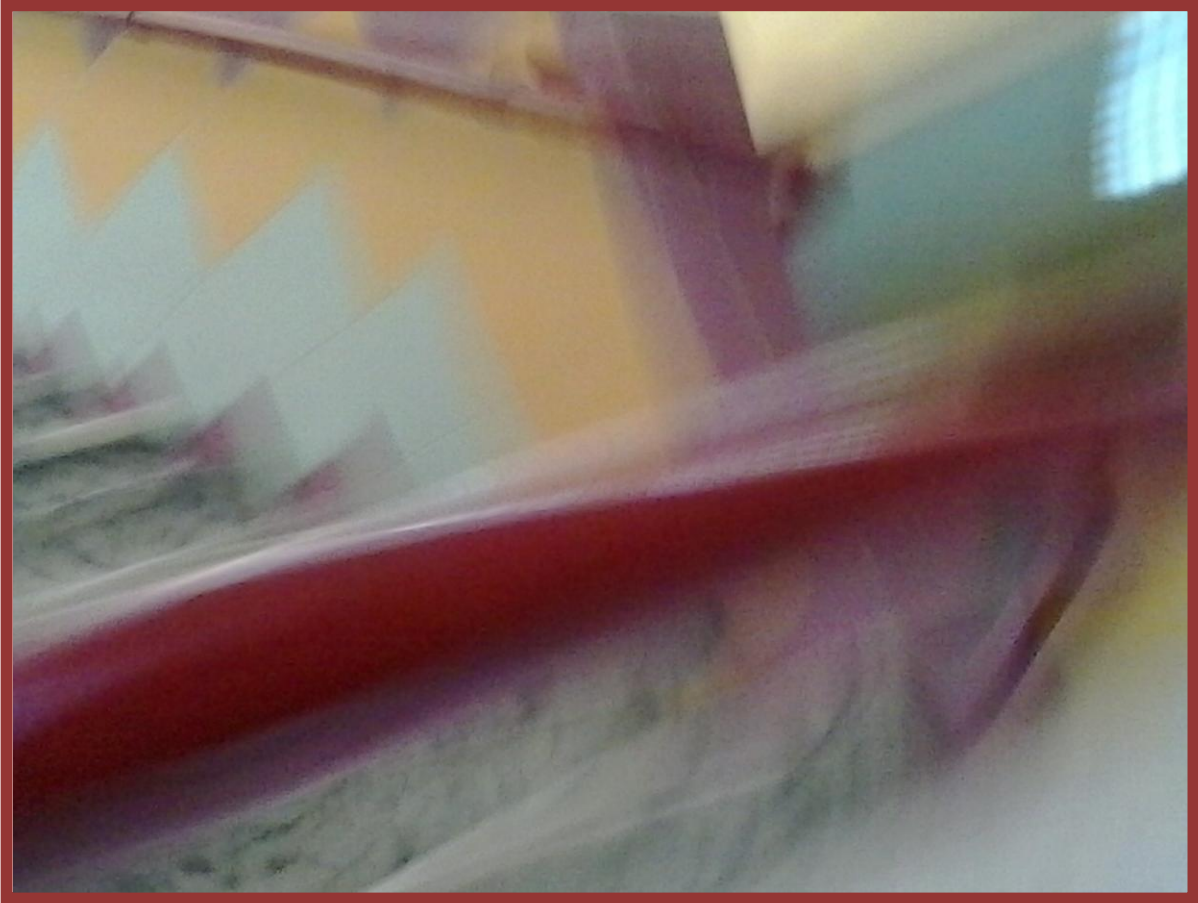
Se eu fosse um fantasma...não gostaria de ser como os outros fantasmas que assustam toda a gente! Mas, podia ser invisível para de vez em quando poder assustar algumas pessoas e, assim, poder divertir-me.

Queria passear com os outros fantasmas, fazer piqueniques de fantasminhas e dançar muito. Era assim que eu queria ser se fosse fantasma.

As crianças têm muito medo de monstros, vampiros, fantasmas e até eu, que gostava de ser fantasma, tenho muitos medos. Os adultos que dizem que não têm medo... estão a mentir!

Poso ter o desejo de vir a ser um fantasma, nem que seja só por um dia, mas também gosto de ser como sou!

**Joana Leitão, 3°C**



## O Segredo!

Minha amiga tenho um segredo  
Tenho que te contar!  
Não te contei, pois tinha medo  
Agora que ganhei coragem, vais ter de o saber guardar!

Dou-te esta caixinha  
Para o trancares a sete chaves  
Confio em ti por isso já sabes!

És a minha melhor amiga  
Espero que em ti possa confiar  
Mas se me desiludires triste vou ficar  
Não por muito tempo  
Porque contigo chateada não consigo estar  
As palavras levas o vento,  
Para eu nunca mais me lembrar

É agora,  
Está na hora!  
Estás preparada?  
Olha, não fiques chateada.

Se calhar é melhor não!  
Vou magoar o teu coração  
Quanto mais o tempo passar  
Mais o teu coração vai chorar

Mas já que cheguei até aqui  
Vou-te contar:  
Que eu para longe vou viajar!  
Mas tu saudades minhas não vais ter,  
Porque vou-te levar para comigo vires viver.



**Madalena Aguiar, N.º17 e Raquel Duarte, N.º 19**

**7.ºE**



## **História de uma letra só**

Conde Cláudio comia calmamente caldo com camarão.

Conde Cláudio conversava com Carlos, criadito calvo, contando coisas, casos,  
carros

castanhos, cinzentos...

Cantando, correram como cavalos... Chegaram cautelosamente, coxeando.  
Cansados compraram chocolate.

Conde Cláudio conheceu condessa Catarina Carolina Cardoso. Casaram, claro,  
... Comemoraram convidando centenas, como: chineses, canadianos, cantores, ... Correu  
conformemente.

Continuaram criando crianças: Carolina, Carlota, Clara...

Celestial.

**Texto Coletivo, 5.º D**





## **Autobiografia**

O meu nascimento estava previsto acontecer em dezembro, não sei o porquê mas fiquei na barriga da minha mãe mais tempo. Era óbvio que ela estava a espera que o meu nascimento pudesse acontecer a qualquer momento, mas o que não imaginava era que tivesse de ir de imediato para o hospital no dia de Ano Novo.

O meu pai também já estava muito nervoso, porque o pessoal médico não chegava junto da minha mãe para que o meu nascimento acontecesse. Então, foram a cafetaria do hospital, fizeram tempo e mais tempo e nada, até que o meu pai teve de chamar um enfermeiro para saber o que se passava, pois já era dia dois de janeiro! Os médicos disseram que não sabiam que a minha mãe estava lá, porque naquele dia já tinham acontecido muitos partos. O meu pai, de tão enervado que já estava, suava, e exigiu que levassem a minha mãe! Com tudo isto, nasci dia dois de janeiro pelas três e meia da manhã.

Chamo-me Marta Oliveira, tenho 13 anos, pratico natação há cerca de sete anos, e o meu nome novo hobby é *street dance*. Ando lá há cerca de 6 meses, e entrei no grupo NNK. Com eles já fui a milhares de atuações, e cada vez dizem que estou melhor. Estou a adorar.

Daqui a 20 anos quando voltar a ler esta autobiografia, poderei acrescentar que sou uma pessoa feliz e a trabalhar naquilo que eu mais gosto.

**Marta Oliveira, N.º5, 8.ºB**



A meu ver, a escrita no quotidiano é bastante importante, visto que nos ajuda a expressar as emoções e nos ajuda a perceber o que fazemos no nosso dia a dia. Nem toda a gente tem a noção do que faz no seu quotidiano. Pensa sempre que tem o mesmo ritual, mas, quem sabe, talvez possa vir a mudar. Se nós escrevêssemos o nosso dia numa folha, poderíamos vir a compreender que aquilo que fazemos tem importância e que fazemos falta.

Mas também ajuda a libertar as emoções. Certamente que escrever um texto rude e mau ajudar-nos-á a libertar a raiva que temos dentro de nós. Sem dúvida que é melhor expressarmo-nos num papel do que “expressarmo-nos” num objeto, numa pessoa e talvez até em nós próprios. Como por exemplo, eu agora estou a expor a minha opinião e claramente sinto-me mais relaxada por sentir as palavras saírem cá para fora. E quero acrescentar também que é uma boa forma de ajudar a desenvolver as nossas capacidades.

Em suma, escrever o nosso quotidiano tem bastantes vantagens e dá-nos a possibilidade de sentirmo-nos uma nova pessoa.

**Inês Anacleto, N.º 15, 9.ºB**



## **Sol e Mar**

Eu gosto do sol  
de brincar e cantar  
pular e rir

Eu gosto do mar  
de nadar  
saltar e brincar  
para me rir

## **A Gotinha de Água**

Era uma vez ...  
uma gotinha de água  
nadava e cantava  
pulava e dançava

Era uma vez ...  
uma gotinha de água  
que brincava e saltava  
olhava e brilhava

**Texto coletivo, 2.º C**



## “ O gato que ensinou a gaivota a voar ”

Na história “ *O gato que ensinou a gaivota a voar* ” a gaivota ia com o seu bando para o mar comer algum peixe, mas houve uma altura em que o bando foi-se todo embora, mas esta gaivota não reparou pois estava à procura de peixe. Quando ela levantou a cabeça da água já foi tarde, pois veio uma onda enorme de petróleo que a apanhou. Ela ficou toda preta e peganhenta, então, não conseguia mexer-se, mas, depois de muitas ondas limpas que lhe tiraram um pouco do petróleo, ela conseguiu levantar voo, mas, como ainda não tinha muita força nas asas, ela fez uma aterragem um pouco brusca na varanda do Zorbas, que a ajudou, mas ela não conseguiu sobreviver e acabou por morrer.

E tudo isto aconteceu porque existe poluição.

O que é a poluição?

Poluição significa sujidade, degradação, contaminação, doença.

Acontece muitas vezes que a poluição, num determinado local, seja na água, no ar ou na terra, obriga a que muitas espécies de animais e plantas que aí vivem criem condições de forma a poderem adaptar-se para conseguir sobreviver no seu ambiente, mas, noutros casos, a contaminação é tão forte que muitas espécies acabam por morrer ( que foi o que aconteceu à gaivota da história) e algumas vezes até acabam por se extinguir para sempre.



Daniela Pinto, N.º10, 7.º C





## **Convite**

Brenner, convido-te para ires comigo visitar o Pedro a um país estrangeiro.

Vamos a Itália.

No dia 15 de agosto, pelas 16h30, encontramos-nos à entrada do aeroporto.

Se quiseres vir, confirma para o número 91 1234567 e se ninguém atender, escreve para a minha morada que é: Rua Livre, N.º 8.

Tu tens mesmo que vir... primeiro porque vai lá estar o Pedro e também o Tomás, o Henrique, o Valter e o Filipe a jogar à bola. Se quiseres podes jogar, mas eu não posso e por isso vou ser árbitro. Também vai lá estar o Cristiano Ronaldo e o Messi.

Se quiseres podes levar os teus pais contigo porque eu também vou levar os meus.

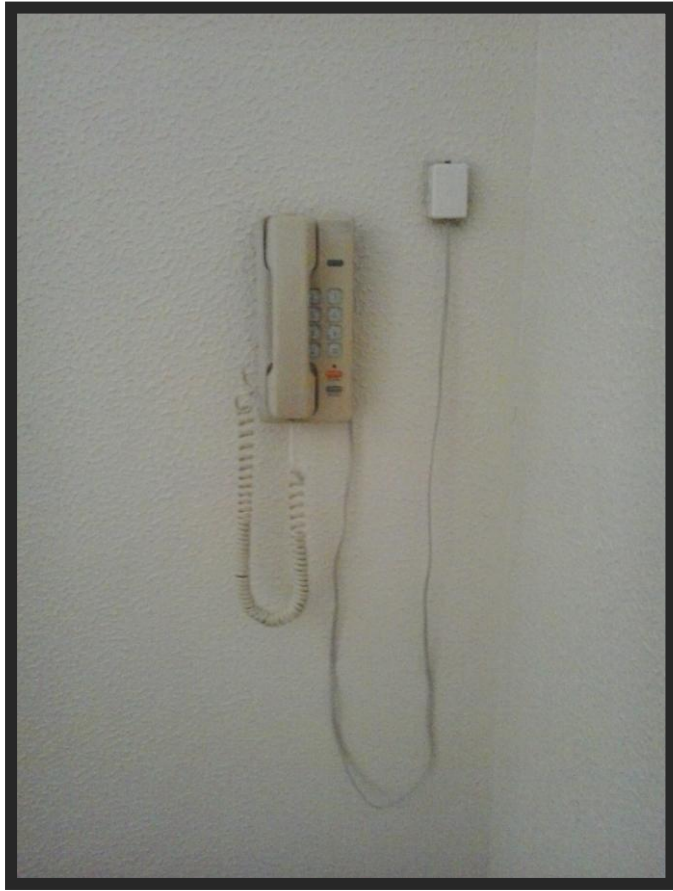
Vem mesmo! Tudo o que eu disse é verdade.

Tenho a certeza que os teus pais e os meus vão adorar muito.

Vai ser muito, muito “fixe”!

Boa sorte e até esse dia.

**Rafael Carvalho. 2.º B**



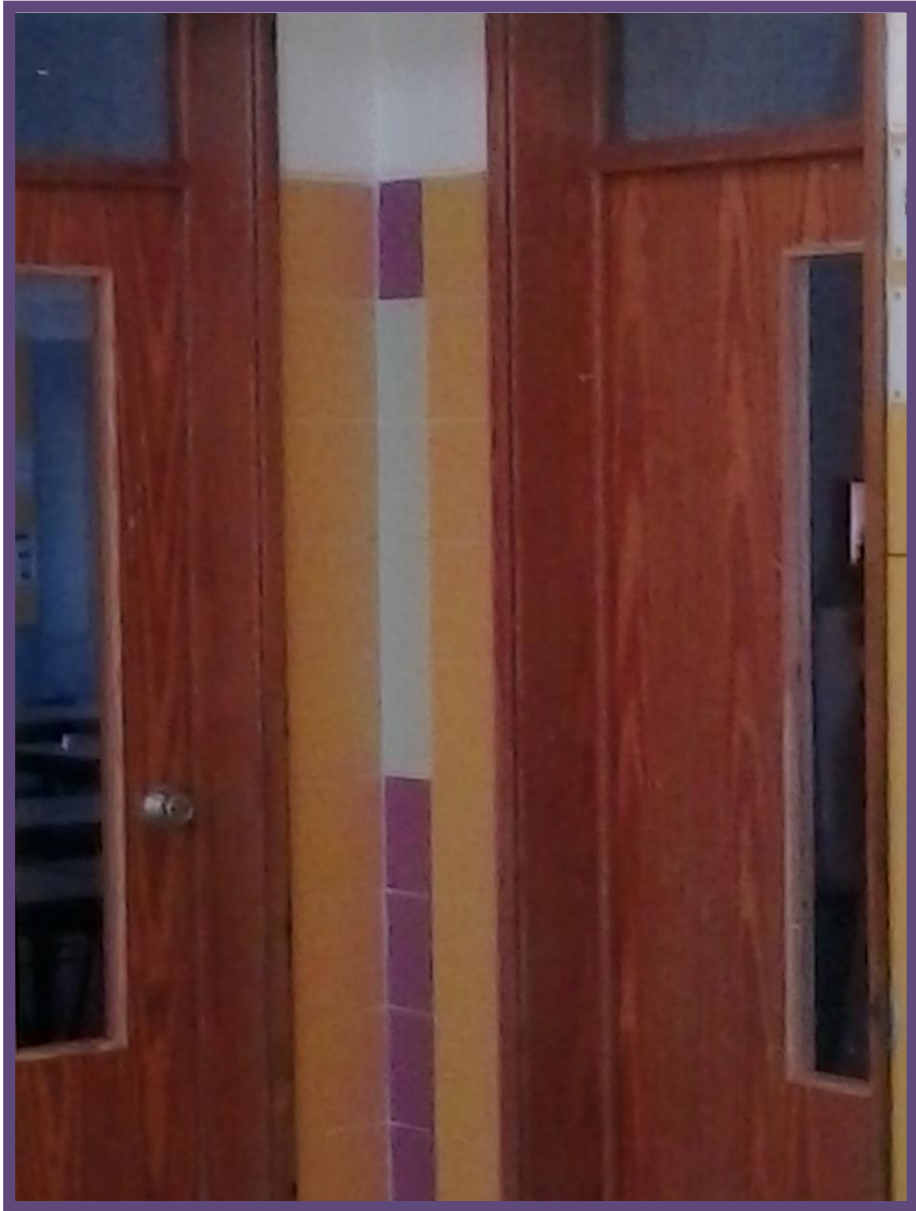
## Texto de Opinião

Na minha opinião, existem aspectos positivos e negativos nas redes sociais. Por um lado, podemos conversar com colegas e amigos, mas, por outro, a nossa identidade pode ser revelada a estranhos que nos podem fazer mal.

Ao criarmos uma conta online, não podemos pensar só no facto de podermos conversar e jogar. Também temos que pensar em como nos responsabilizarmos pelas coisas más que nos podem acontecer. Podem ameaçar-nos, sofreremos *bullying*, e isso é uma maneira terrível de utilizar a internet.

Por fim, acho que não devemos abusar do uso das redes sociais e da internet. Mas podemos utilizar as mesmas para nos divertirmos e relaxarmos. Também acho que certos pais deviam estar mais presentes na vida social dos seus filhos e, de vez em quando, falar com eles.

**Bruno Antunes, N.º 8, 8.º E**



## VOGAIS SEM JUÍZO

**A** é a Adriana a comer uma banana.

**E** é a Érica que vai à América.

**I** é a Isabel que gasta muito papel.

**O** é a Olívia que gosta de comer endívia.

**U** é o Ulisses a fazer meiguices.

**Cristiana Cardoso, N.º 8, 7.º C**



## **A minha história**

Numa tarde, sem nada para fazer, tirando os T.P.C, eu pensava no dia em que nasci, um dia maravilhoso e com muita emoção por parte da minha família. Nasci no Hospital Garcia de Orta.

Às 15h e 43m eu acordo de um sonho de nove meses e inspiro pela primeira vez ar. Inspirei-o com tanta força que me doeu um bocado e comecei a chorar, e fico espantado quando começo a ver “água” a escorrer-me pelos olhos.

Depois disto tudo, a minha mãe decide dar uma volta comigo pelo corredor e quando olho para uma parede vejo um calendário de 2000 e a minha mãe aponta para o dia dois de junho, assim eu fiquei a saber o meu dia de nascimento. Ainda só tinha passado um ano e eu já estava enjoado de comer papas, mas também, quando tentava dizer isso, ninguém me dava ouvidos, e também de gatinhar porque me aleijava os joelhos.

Com quatro anos já conseguia falar, não muito bem, mas o suficiente para poder dizer à minha mãe o que me apetecia comer ou fazer. Tinha a mania que, só por já saber falar, podia “mandar” em toda a gente. Um ano depois (já na creche), brincava e convivia com os meus amigos.

Já crescido e quase um homem (com seis anos), preparo-me para ir para a escola, pela primeira vez: na noite anterior eu pensava que ia ser fácil e que ia conhecer novas pessoas. Mas, assim que a minha mãe me deixa ao portão e me diz para eu ir para o pavilhão que estava à minha frente, a cada passo que dou vou sentindo, cada vez mais, a sua falta. Até que chego a um ponto que choro. Choro porque não conseguia estar mais de cinco segundos sem “ela”. Choro de saudades, mas, felizmente, quando cheguei à sala (atrasado) toda a turma me recebeu com muita simpatia, e isso melhorou o meu dia. A partir daí foi sempre a mesma rotina e fui-me habituando à escola. Agora, com treze anos continuo a rotina que comecei. Agora penso muito nos anos anteriores onde tudo era mais fácil e mesmo assim eu queixava-me.

Eu chamo-me Ivan Rodrigues Caires e esta é a minha autobiografia.





## **O medo de amar**

Subo as escadas desta casa assustadora.  
Consigo ouvir a minha própria respiração.  
A curiosidade não me deixa parar.  
Porque lá em cima vejo um misterioso clarão.

Aranhas sobem as paredes e eu mais próxima do clarão.  
As paredes começam a encolher e eu a sufocar.  
Cada vez sinto mais medo, mas não consigo parar.  
Ao cimo das escadas chego e alguém me estende a mão.

Uma alma perdida, com um bom coração.  
Jurei não lhe fazer mal e caminhámos em direção ao clarão.  
A alma perdida ganhou vida e fomos para outra dimensão.  
Conheci o amor da minha vida e nunca mais nos encontraremos.

Caí num buraco e não vi mais o clarão.  
Afinal isto tudo, foi só a minha imaginação.  
Estou triste com a verdade, pois queria aquela vida.  
Não vou daqui sair pois ela vale a pena ser vivida.

[Texto inspirado na música “*Inverno*” de António Vivaldi]

**Daniela Rodrigues, N.º6, 8.ºC**



**”Há uma finalidade na fotografia que não existe nas outras formas de arte**

**o instantâneo que é registo permanente.” Jorge Calado**

